



**Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD**

PRISCILLA ALVES MEDEIROS

UM OLHAR SOBRE A FANTASIA INCONSCIENTE

Brasília
2015

PRISCILLA ALVES MEDEIROS

UM OLHAR SOBRE A FANTASIA INCONSCIENTE

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em teoria Psicanalítica

Orientador: Profa. Dra. Isa Paniago

Brasília
2015

PRISCILLA ALVES MEDEIROS

UM OLHAR SOBRE A FANTASIA INCONSCIENTE

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para a obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Teoria Psicanalítica

Orientador: Profa. Dra. Isa Paniago

Brasília, ____ de _____ de 2015.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Nome completo

Prof. Dr. Nome completo

RESUMO

A teoria psicanalítica trabalha com aspectos complexos e profundos do dinamismo psíquico. O mecanismo de defesa é descrito por Sigmund Freud, quando da descoberta e análise do inconsciente humano. Dentre os aspectos estudados e analisados pela psicanálise estão as fantasias originadas desde os tempos primórdios da vida dos indivíduos. O objetivo deste trabalho é levantar a curiosidade sobre tal conceito, questionando como se desenvolvem as fantasias e qual a sua importância para que o indivíduo mantenha sua saúde mental. É possível pensar a arte como uma criação, sendo influenciada de forma direta pelo mundo das fantasias. O presente estudo faz uma apresentação dos filmes *Perfume – a história de um assassino* e *O fabuloso destino de Amélie Poulain*, com o objetivo de desenvolver e articular a ideia da fantasia como operador fundamental da saúde psíquica. Tomar-se-á o segundo filme em particular como ponto para essa discussão pelo destaque dado à criatividade e dificuldades primitivas da personagem relacionadas aos seus pais. É importante perceber a origem desse fenômeno psíquico e seu papel no desenvolvimento da mente de um sujeito que se mantém dentro do campo da neurose.

Palavras-chave: Neurose. Fantasia. Arte. Freud

ABSTRACT

The psychoanalytic theory works with complex and deep aspects of the psychic dynamism. The defense mechanisms are described initially by Sigmund Freud since the discovery and analysis of the human unconscious. Among the studied and analyzed aspects by psychoanalysis are the fantasies originated from the early times of life of individuals. The objective of this study is to explore the theory of this concept, noting how fantasies develop and its importance for the individual to keep their mental health. It is possible to think of art as a creation, being influenced directly by the world of fantasies. This study is a presentation of films *Perfume - the story of a murderer* and *The fabulous destiny of Amélie Poulain*, in order to develop and articulate a fantasy idea as a fundamental operator of mental health. The second film in particular will be taken as a starting point for this discussion due to its emphasis on creativity and primitive difficulties of the character related to her parents. It is important to understand the source of this psychic phenomenon and its role in the development of the mind of a person that remains within the field of neurosis.

Key words: neurosis. Art. Fantasy. Freud

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 FANTASIAR EM PSICANÁLISE	8
2 A FANTASIA EM MELANIE KLEIN	24
3 DISCUTINDO O CONCEITO DE FANTASIA A PARTIR DA ANÁLISE KLEINIANA DOS FILMES <i>PERFUME E AMÉLIE POULAIN</i>	32
CONCLUSÃO	42
REFERÊNCIAS	44

INTRODUÇÃO

A ideia dessa monografia surgiu da curiosidade sobre como as fantasias podem atuar na vida psíquica do sujeito. A teoria para esse assunto é vasta e complexa, uma vez que se trata de um conceito fundamental para a compreensão do funcionamento psíquico. O aparelho psíquico analisado e descrito por Sigmund Freud tem na fantasia sua principal fonte de compreensão.

O objetivo desse trabalho é ressaltar a fantasia como uma atividade psíquica básica responsável pela forma como o mundo interno irá se manifestar, tendendo a um funcionamento mais neurótico ou mais psicótico. Acredita-se que a arte seja um movimento capaz de promover o desenvolvimento das fantasias permitindo maior fruição da capacidade criativa do sujeito.

Faremos uso da teoria de Freud, de Klein e de uma breve contribuição da leitura de Nasio para discutir o tema em questão. Foram utilizados textos de Sigmund Freud sobre o tema, e a leitura de Melanie Klein, que toma a fantasia inconsciente como base do pensamento e da vida psíquica. Com a teoria freudiana serão superficialmente apresentadas as instâncias psíquicas, id, ego e superego, também como a ligação entre a sexualidade primitiva e o processo de recalçamento na vida psíquica. Serão especialmente utilizados os filmes *Perfume: a história de um assassino* e *O fabuloso destino de Amélie Poulain*, sendo articuladas as histórias dos filmes com a teoria psicanalítica.

Este trabalho se justifica na tentativa de estudar a relação entre fantasia e saúde psíquica. Tal análise será realizada através das comparações teóricas e com o filme *Amélie*, que será apresentada a versão de uma mente extremamente fantasiosa que passou por experiências familiares e com o filme *Perfume: a história de um assassino*, que demonstrará a versão de um funcionamento psíquico fora do campo da neurose.

O presente trabalho foi estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo será tratada a fantasia em Sigmund Freud e o uso da arte como manifestação. Traremos, dentro deste capítulo, uma breve contribuição da leitura de Násio sobre as fantasias. No segundo capítulo falaremos sobre a fantasia para Melanie Klein. No terceiro capítulo serão apresentados os filmes o Fabuloso destino de Amelie Poulain e Perfume: a história de um assassino, mediante a análise da teoria e conceitos de Klein. No último capítulo será apresentada a conclusão do que foi exposto até o momento.

1 FANTASIAR EM PSICANÁLISE

O termo utilizado para fantasia é vasto e abrangente. Nas obras de Sigmund Freud é possível encontrar em diferentes períodos a importância do tema. Nos “Estudos Sobre A Histeria” (1893-1895) o autor nos alerta sobre a frequência dos conteúdos fantasiosos na vida psíquica dos sujeitos. Essa construção mental pode ocorrer por diversas vezes, mesmo que o indivíduo não tenha percepção desse fenômeno.

Para discutir sobre as fantasias inconscientes partimos do funcionamento psíquico, a partir das duas tópicas em Freud, mas também de acordo com seus escritos sobre a relação da sexualidade e seu papel na etiologia das neuroses. Esses são interessantes estudos que levam a observações das manifestações dos sintomas e a da importância das fantasias. Portanto, será aqui comentado sobre as estruturas psíquicas descritas pelo autor, dando posteriormente o sentido devido ao que é exposto sobre fantasiar.

De acordo com Nasio (2005, p. 5) a fantasia é “um teatro mental catártico que encena a satisfação do desejo e descarrega sua tensão. É a encenação no psiquismo da satisfação de um desejo imperioso que não pode ser saciado na realidade”. É representada através dos conteúdos do inconsciente, mas que podem se tornar conscientes. O desejo consciente tenta satisfazer o que não pode ser realizado. Sendo assim, as fantasias entram em cena como funções de substituição. Podemos pensar nessas fantasias como construções para o que não pôde ser completamente satisfeito. De tal forma, o desejo oculto permanece insaciado e continua sua busca por satisfação.

Portanto é possível também percebermos através da leitura de Nasio, que as fantasias se repetem mesmo que não sejam percebidas, mesmo que não se tornem conscientes. É provável que possamos senti-las emocionalmente, sentimentos que emanam do inconsciente, de desejos que podem ser de origem sexual e que de alguma forma precisam de satisfação. As

fantasias, portanto, tentam satisfazer parcialmente e de modo inconsciente tais desejos. Quando, por exemplo, falamos de desejos proibidos, como os de ordem incestuosa, eles podem se tornar algo repulsivo, Nasio (2005) aponta o asco como uma reação ao que seria proibido. Tal conteúdo é afastado, o inconsciente o mantém em suas profundezas. Esses conteúdos lá podem permanecer por um tempo, mas, quando estamos sonhando, as fantasias originadas desses momentos entram em movimento, portanto, sonhar se torna um modo de permitir que essas fantasias usufruam de liberdade. As cenas de fantasias do inconsciente encontram nos sintomas, nos sonhos ou em atos estranhos, meios de se manifestarem e de se expressarem. A cena fantasiada em nosso imaginário pode ser uma “caricatura”. Uma cena que não se vê, mas se sente, é uma representação e não aparece, por exemplo, como se fosse um filme, mas como se fosse um esboço abstrato. Tais cenas fantasiosas podem influenciar nossos comportamentos, com experiências que podem trazer diversas sensações.

Se é possível constatar que a fantasia permanece inconsciente, como seria possível reconhecê-la? A psicanálise nos alerta que através da elaboração analítica ela pode ser reconstruída. Sendo expressa por relatos, sintomas, sonhos e devaneios. Comporta cenas e personagens que envolvem afeto e sensações corporais. Atos repetitivos, que na maioria das vezes não são conscientes, sendo até mesmo enigmáticos para o sujeito. O sentido não aparece, as repetições então acontecem. Podemos pensar na hipótese que dentre essas cenas e comportamentos, vamos incessantemente atrás da obtenção de prazer. É importante a atenção em como nossas emoções são carregadas, a necessidade de afeto não é necessariamente reconhecida nas fantasias, mas permanece sendo algo importante.

De acordo com a leitura de Nasio (2005, p. 15) “o mecanismo principal que organiza a estrutura da fantasia, é a identificação do sujeito transformado em objeto”. Pois existe o envolvimento da identificação com o objeto. Por exemplo, ao se separar do seio, o bebê o associa a um objeto desejado. Tal identificação pode remeter nosso pensamento a uma

fantasia oral, até mesmo canibalesca. “A fantasia é, pois, construída com pedaços de corpos que desempenham papel de objetos fantasísticos aos quais o sujeito se apega” (NASIO, 2005, p. 75). De tal modo, o sujeito se fixa a alguns fragmentos corporais, que se associam a pulsão, originando os objetos de fantasia. O corpo é uma referência, pois podemos perceber que as construções das fantasias são realizadas com o que temos de vivência direcionada ao que é sexual, ao que de mais próximo existe em nós, que é nosso próprio corpo.

Quando uma imagem significa alguma coisa para o sujeito, há uma fantasia que acompanha essa imagem que leva o sujeito a ações, ela então é um significante. Em forma de atividade, a fantasia segue a mesma direção da pulsão, se organizando em torno das pulsões, que possa inclusive, levar até um apoio imaginado, como fuga da angústia. A pergunta exigida do social, que acabamos por internalizar é sobre quem somos. Desejos enigmáticos podem trazer angústia. Para dominarmos, de certa forma, essa aflição de expectativas, podemos nos voltar para o imaginário construído na fantasia. Desse pensamento, é possível supor que se trata de uma montagem imaginária construída sobre a pulsão. (NASIO, 2005)

É relevante lembrarmos das fantasias eróticas. Elas possuem conteúdos que aumentam a excitação sexual. Aparecendo excitação mesmo antes do ato sexual, nem sempre precisando da relação para ocorrer. Nos homens pode haver um erotismo mais direto, como associar seu prazer a imagens sensuais e até pornográficas, sendo que as mulheres podem também encontrar sua excitação de tal forma. As fantasias podem ser levadas também para o romantismo, para as fragrâncias, para a suavidade da voz e do toque, sendo despertados assim desejos imaginados.

Como podemos perceber, as fantasias manifestam sua importância, mesmo que não percebamos o modo como agimos por causa de tais influências. Por exemplo, as projeções fazem parte de como criamos a imagem de uma pessoa amada. Amar não é fácil, necessitamos em muitos momentos de adaptar as pessoas dentro do mundo fantasioso que

criamos. Assim, através da psicanálise é possível uma leitura sobre como se torna mais suportável amar o que criamos. Podemos criar algo para amar e nos satisfazer, mas criamos também o que pode nos torturar. A fantasia pode trazer amor ou ódio. Criamos em nossos cenários, personagens dos quais damos características.

Uma coisa é a capacidade de fantasiar, ou colocar essas fantasias em movimento, outra coisa é a fantasia contornando a pulsão. De acordo com Freud (1886-1889/1996) “o sentido do sintoma é um par contraditório de realizações de desejos”. Assim, falando sobre os conceitos descritos pelo autor, ao entrarmos em um assunto sobre neurose, não podemos desconsiderar a estrutura psíquica, do mesmo modo devemos perceber a análise do conflito existente entre o ego e o id influenciando esse dinamismo. É possível que a origem das neuroses de transferência, aconteça pela recusa do ego aos impulsos do id, o ego se nega a receber o impulso tal como ele é, tendo assim o recalque como seu principal mecanismo de defesa. Porém, o conteúdo que sofreu esse recalque cria uma representação substitutiva, sendo que desse modo, o ego não teria mais poder, nem controle sobre o impulso. Para Freud, a pulsão é um representante psíquico dos estímulos corporais.

A pulsão que por vezes se dirige a objetos externos é representada pelo que podemos chamar de fantasia, sendo nossos movimentos, quase sempre decorrentes de impulsos. Mas através do mecanismo de recalque, o ego encontra uma defesa sobre essas pulsões. A neurose então, se produz com o conteúdo que foi preciso reprimir. Se reprime por força do ego, que acaba por não ter poder o tempo todo. O material reprimido cria uma representação substitutiva que, segundo Freud (1923-1925/1996) se impõe ao ego mediante uma conciliação – O sintoma. O ego desvia o conteúdo original e não deixa de criar uma luta com o sintoma, inclusive, por causa da influência do superego, se tornando as forças do que vem do externo, repressivas às representações que se originam do id.

Servindo ao superego e à realidade externa, ego e id entram em conflito, acontecendo assim a neurose. De forma diferente, em uma situação psicótica, não há percepção nítida da interferência do superego e as manifestações patogênicas são inconscientes tentativas de reconstrução. Freud (1923-1925/1996) cita que ‘as neuroses de transferência correspondem a um conflito entre o ego e o id; nas neuroses narcísicas, há um conflito entre o ego e o superego. E nas psicoses, um conflito entre o ego e o mundo externo’. A semelhança entre a neurose e a psicose é a luta do id com o mundo externo, onde a inadaptação ao mundo externo e a realidade pode ser predominante. A neurose ignora esse real, que vem de fora; a psicose não apenas ignora, tenta substituí-la, a repudiando.

...uma das características que diferenciam uma neurose de uma psicose, é o fato de que em uma neurose o ego, em sua dependência da realidade, suprime um fragmento do id (da vida instintual), ao passo que, em uma psicose esse mesmo ego, a serviço do id, se afasta de um fragmento da realidade. Assim, para uma neurose o fator decisivo seria a predominância da influência da realidade, enquanto para uma psicose esse fator seria a predominância do id. Na psicose a perda de realidade estaria necessariamente presente, ao passo que na neurose, segundo pareceria, essa perda seria evitada. (FREUD, 1923-1925/1996, p. 207)

A fantasia comparecerá em quaisquer das situações seja como forma de se haver com a realidade que será deturpada como na neurose, ou como forma de substituir essa realidade, como a anedota do homem comum que diz “Eu sou Napoleão Bonaparte”.

Se afastando do conteúdo traumático, a neurose faz a tentativa de solucionar o conflito existente da origem do recalque. A fantasia assim, pode se manifestar, através de uma tentativa em atender as necessidades pertencentes a pulsão, havendo tentativas de realização dos conteúdos imaginados, para se dirigirem a realidade externa. Portanto, essa passagem descrita sobre o recalque, intenciona alertar para o pensamento de que, se há algo que tenha sido repressor ao sujeito, ele provavelmente irá recorrer a outra forma de satisfação.

Freud (1923-1925/1996) propõe que um comportamento “normal ou sadio”, combina certas características da neurose e da psicose. “Pode ser sadio, – se repudia a realidade, pouco como na neurose, mas se depois se esforça, como faz uma psicose, na tentativa de realizar

uma alteração dessa realidade”. A neurose evita o que lhe foi difícil suportar e que foi causado por tamanha realidade, assim se protege de entrar em contato com tal fragmento. Porém, há na neurose, como na psicose, a tentativa de substituição para uma realidade que seria suportável e até agradável aos desejos. Mas, falando sobre neurose, isso é possível ocorrer, por causa da fantasia de dominação que afastaria esse real, no momento que o conteúdo do sujeito foi introduzido ao princípio de realidade. Então, através dessa forma de defesa, o conteúdo não entra em contato direto com o ego.

De acordo com Segal, (1993, p. 36) “É lógico que as fantasias estão ligadas a defesa”. Essa ideia é defendida ao longo deste trabalho, as fantasias podem ter tanto um aspecto de satisfação de desejo, como um aspecto defensivo, uma vez que a cisão e a projeção, que são mecanismos de defesa, são também expressas por meio de fantasias, assim como os impulsos.

Assim, as fantasias são um ponto de convergência de impulsos e defesas, tal como na descrição de Freud do sonho como formação de compromisso entre impulsos e defesas. Klein, no entanto, vê a fantasia inconsciente não tanto como compromisso, mas como expressão tanto de impulsos como de defesas. (SEGAL, 1993, p. 38)

E possível perceber a relevância de como se desenvolve a estrutura psíquica do sujeito, nos estudos de Freud, podemos observar que a tentativa de lidar com a realidade e tentar substituí-la, acontece tanto na psicose, quanto na neurose. E mais especificamente a neurose, através das fantasias, tenta esgotar o material reprimido, podendo assim partir para outras construções que se assemelhem ao desejo, encontrando nessa tentativa de regressão, um passado satisfatório, portanto.

As fantasias servem, ao mesmo tempo, à tendência de aprimorar as lembranças, de sublimá-las. São feitas de coisas que são ouvidas e posteriormente utilizadas; assim, combinam coisas que foram experimentadas e coisas que foram ouvidas, acontecimentos passados (da história dos pais e dos ancestrais) e coisas que a própria pessoa viu. Relacionam-se com coisas ouvidas, assim como os sonhos se relacionam com coisas vistas. (FREUD, 1886-1889/1996, p. 303)

Como citado anteriormente, os sintomas neuróticos surgem do conflito entre o ego e o id, que aparece na tentativa de obter satisfação. Tais movimentos do conflito estão no sintoma que se formou. A resistência do sintoma se dá por ele ser tão fortemente ligado as partes desse conflito. A libido insatisfeita, repelida pela realidade, procura vias diferentes para satisfazer-se, ela, por isso, tem forte poder no sintoma. Com a realidade externa insistente, mesmo que a libido tente encontrar um outro caminho, ela terá que retornar, em um dos objetos que ficou para trás, dos quais houve fixação, o que induz a regressão.

As fantasias se referem também aos fenômenos psíquicos relacionados a sensações corporais, se tratando de uma realidade psíquica, de uma função da mente, que tem efeitos reais para quem fantasia, nos sintomas neuróticos e no caráter da personalidade considerada normal. Freud (1923-1925/1996) afirma que essas fantasias nos remetem a conteúdos que aparecem do oculto, do primitivo, do desejo não realizado que precisa de alguma satisfação. Aparece como um impulso decorrente do id, com a ação do mecanismo do ego. Por exemplo, comer algo desejado é um impulso do id, subjetivamente adquirindo experiência ao realizar uma introjeção.

O termo fantasia é utilizado em diversos sentidos, sendo preciso levar em consideração a relação com situações da vida primitiva do sujeito. Sendo os mecanismos mentais fundamentais para a adaptação ao mundo externo e se tornando necessário que os impulsos internos sejam controlados.

Neste trabalho, nossa ênfase é sobre a realidade psíquica, sem querer dizer que se trate necessariamente, de uma oposição entre fantasia ou realidade, pois alguns desses conteúdos fantasiosos fazem parte do funcionamento, como algo pertencente a saúde psíquica. As descobertas de Freud cedo levaram ao reconhecimento da existência de fantasias inconscientes. E sobre a importância de percebermos a fantasia como realidade psíquica:

A característica mais estranha dos processos inconscientes (reprimidos), à qual nenhum pesquisador se pode acostumar sem o exercício de grande autodisciplina, deve-se ao seu inteiro desprezo pelo teste da realidade; eles equiparam a realidade do pensamento com a realidade externa e os desejos com sua realização – com o fato – tal como acontece automaticamente sob o domínio do antigo princípio de prazer. Daí também a dificuldade de distinguir fantasias inconscientes de lembranças que se tornaram inconscientes. Mas nunca devemos permitir ser levados erradamente a aplicar os padrões da realidade a estruturas psíquicas reprimidas e, talvez por causa disso, a menosprezar a importância das fantasias na formação dos sintomas, sob o pretexto de elas não serem realizadas, ou a remontar um sentimento neurótico de culpa a alguma outra fonte. (FREUD 1911-1913/1996, p. 243)

Falando agora sobre um processo primitivo e de manifestação das fantasias como sendo a realidade do sujeito, em exemplo, é possível o pensamento sobre a manifestação das crianças em seu movimento de brincar, apesar da carga emocional que é direcionada na brincadeira, a criança considerada “normal”, que está fora de um quadro psicótico, consegue distinguir a realidade, tendo gozo ao ligar sua imaginação aos objetos e as situações da realidade.

Freud, (1906-1908/1996) nos fala que essa conexão é tudo o que diferencia o ‘brincar infantil do fantasiar’. Podemos assim perceber que elas conseguem expressar suas fantasias através do simbólico. A criança pode criar imagens fantasiosas, mas manter a sanidade de quem sente as emoções das fantasias, diferenciando tais brincadeiras da realidade exterior.

Melanie Klein basicamente desenvolveu seu trabalho psicanalítico a partir da técnica do brincar. Ali observou que o brincar da criança apresentava ansiedades muito agudas, e ao interpretar o material apresentado pela criança em sua brincadeira, conseguia abordar seu inconsciente. Para ela, o brincar e as atividades variadas juntamente com esse brincar são o meio da criança expressar o que o adulto expressa predominantemente através de palavras. Nesse momento, a autora percebe que possibilitando o brincar abria condições para o trabalho de psicanálise de uma criança, já que lhe era possível compreender e interpretar as fantasias, sentimentos, ansiedades experiências expressos através do brincar. A fantasia passa para

primeiro plano de seu fazer psicanalítico. A autora afirma que sua ênfase sobre a ansiedade a leva cada vez mais para dentro do inconsciente e da vida de fantasia da criança.

De acordo com Isaacs (1952, p. 161) para o bebê, as fantasias de incorporação do seio materno, fazem parte de suas experiências e impulsos orais, levam-no a identificar o polegar com o seio incorporado. O sistema de fantasias centrado no mundo interno do bebê é de fundamental importância para o desenvolvimento do ego. Pensar sobre o início da vida e sobre seus impulsos primitivos, levanta a curiosidade de como podem surgir as fantasias.

Freud (1911/1996) chamou de “tentativa da criança de satisfação pela alucinação”, a partir da suposição de que a criança alucina no começo de sua vida mental o que seria desejado em pensamento. Podemos pensar sobre o impulso oral do bebê, que primeiro pensa no mamilo da mãe, depois no seio e depois com o desejo de saciar uma vontade com o seio. Fazendo parte do que é oral, a sucção e o movimento de levar partes de seu corpo e de objetos até a boca, é possível imaginarmos uma ligação entre tais alucinações com a fome e em quando ela se inicia.

Na descrição de Freud, a mente onipotente do bebê, sob o domínio do princípio de prazer-desprazer, tem alucinações com o seio quando sente fome. O desejo desaparece, e é substituído por uma alucinação. Assim, a necessidade de agir para satisfazer um desejo desaparece. (Klein, 1979[1995] SEGAL, p.81)

Quando a fome é real e fica intensa, a tensão aumenta, o desejo de sugar o seio materno fica mais forte e real, não se tratando nesse momento, apenas de uma alucinação. Se houver dor, a frustração aparece e o desejo se amplia para a introjeção do todo, o seio por inteiro, a ponto de se tornar um tipo de reservatório para a satisfação, voltando a alucinação, mas com um desejo de introjeção do seio, sendo essa uma possível fantasia de fonte primitiva.

Falando de satisfação não saciada, podemos voltar a pensar nos sintomas. Lembremos que um substituto da satisfação que não foi realizada, mas sim frustrada, faz uma regressão da libido à época do desenvolvimento, aos estádios que antecedem a escolha objetal. De acordo

com Freud, os neuróticos estão sempre, de forma inconsciente, voltando ao passado, do qual a libido se satisfazia e tal satisfação, da época infantil, é buscada pelo sintoma. Sendo que tal tentativa de satisfação foi deformada pela censura do conflito, que acabou assim não obtendo a satisfação plena, seguindo o caminho da repetição pela busca dessa suposta satisfação. Os sintomas podem representar fatos, aos quais atribuem a fixação da libido, geralmente representando as fantasias, que assim foram criadas.

É possível supor que as fantasias buscam caminhos para sua manifestação. Já em “A interpretação dos sonhos” Freud (1900/1996), desenvolve que os conteúdos do sonho servem de conteúdo para as fantasias. Ao falarmos em sonhos, podemos pensar que a formação onírica se constitui nas fantasias diurnas, que se apresentam como incompreendidas, confusas e até despercebidas pelo consciente. Os devaneios ficam guardados, mas podem ser percebidos por outras pessoas, como em comportamentos expressos dos quais o sujeito está visivelmente reagindo a algo que vem de dentro de si. As fantasias podem fazer uma ligação aos sintomas neuróticos. Mas se elas se tornam exacerbadas e fogem constantemente da consciência com conteúdos que nunca se aproximam da realidade, podem se desviar da neurose.

Buscando entender os destinos das fantasias, é relevante pensar sobre a sexualidade. É possível analisar que tal sexualidade na vida infantil de um indivíduo também pode ter relação com as criações fantasiosas. Freud aponta que uma fantasia inconsciente pode ter ligação direta com questões sexuais, pois podem existir identificações com autoerotismo quando as fantasias são voltadas para tais conteúdos. Inicialmente, o prazer obtido com o próprio corpo conseguia certa satisfação, posteriormente, se acende o desejo de ligar a sua libido a um objeto, o amor objetal. Mas a satisfação desse modo seria parcial, não sendo como a da fantasia original, surgindo, portanto, a necessidade de jogar tal conteúdo para o inconsciente.

De acordo com Freud, na neurose a libido está ligada às suas experiências sexuais infantis, sendo tal fator importante tanto para a doença, quanto para a saúde psíquica.

Segundo uma regra que eu pudera confirmar repetidamente pela experiência, mas que ainda não me atrevera a consolidar num princípio geral, o sintoma significa a representação – a realização – de uma fantasia de conteúdo sexual, isto é, uma situação sexual. Melhor dizendo, pelo menos *um* dos significados de um sintoma corresponde à representação de uma fantasia sexual, enquanto para os outros significados não se impõe tal limitação do conteúdo. (FREUD, 1901-1905/1996, p. 53)

Como citado anteriormente, a libido busca satisfação. E nem todos os sujeitos conseguem direcionar essa libido a algo que não seja de cunho sexual, como quando acontece na sublimação. A fantasia que é inconsciente se desenvolve necessitando do amor objetal, podendo se transformar até mesmo em um sintoma patológico. Dessa forma, Freud (1906-1908/1996) nos fala que ‘as fantasias inconscientes são os precursores psíquicos imediatos de toda uma série de sintomas histéricos’. Falando em exteriorizações somáticas, podemos pensar em uma ligação com as sensações sexuais, que fazem parte das fantasias inconscientes que buscam a satisfação sexual primária.

A fantasia é um esboço da atividade psíquica, a forma mais primitiva de pensamento. Segundo Segal (1993) podemos ver a fantasia inconsciente e as estruturas que se desenvolvem a partir dela como determinantes da estrutura básica e do caráter da personalidade, como a matriz de nossa estrutura e vida mental. É possível pensar que as fantasias podem também servir com a finalidade de impedir o caminho às lembranças infantis não suportadas pelo sujeito. Freud, através de sua investigação clínica percebe que é difícil separar verdade e imaginação investida com afeto, existindo a possibilidade de que as fantasias sexuais tenham sua importância no que se representa no psiquismo, independente da veracidade exterior do conteúdo. Se um sujeito acredita ter visto em algum momento da vida, os pais em seus momentos de intimidade, esse seria possivelmente um conteúdo a ser recalado. ‘Uma fantasia de ser seduzido, quando não ocorreu sedução nenhuma, geralmente é utilizada por

uma criança para encobrir o período autoerótico de sua atividade sexual'. (FREUD, 1915-1916/1996).

Devemos nos atentar que existem muitos casos de crianças abusadas na infância, sendo situações reais de fato. Mas que existem conteúdos da vida imaginária da criança, que se tornam sua realidade psíquica. E sobre o modo de funcionamento da neurose, não importa se os conteúdos da fantasia foram experimentados ou não, pois “As fantasias possuem realidade psíquica, em contraste com a realidade material, e gradualmente aprendemos a entender que, no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a realidade decisiva” (Freud, 1915-1916/1996, p. 370).

De acordo com Freud as recordações eróticas são constantes na vida dos neuróticos. A principal fantasia organizadora de vida psíquica encontra-se no complexo de Édipo. Por exemplo, a criança em sua imaginação se prende a ameaça de castração, de quando é pega manipulando seu pênis. Mesmo que alguém não execute de fato a retirada de seu órgão, há um temor no menino de que haja essa perda, pois ele percebe a falta de pênis na menina. Então, para ele, ela já teve o pênis um dia, mas como punição por algo errado que ela fez, seu precioso membro foi retirado. Isso pode ser encontrado mais claramente no capítulo sobre o pequeno Hans (1909/1996)

Como é possível supor, os elementos da infância são essenciais para um quadro neurótico. Como citado anteriormente, o ego é forçado a renúncias, inclusive de objetos que estariam voltados para o seu prazer. É difícil renunciar, para que haja renúncia dessa ordem, é necessária certa compensação. As fontes prazerosas precisam de alguma forma sobreviver. Sendo que fantasiando, os neuróticos podem de algum modo, gozar como se não tivessem que renunciar ao prazer, continuando esse sujeito dotado de sua razão, sem perder seus sentidos. A fantasia se trata então, de uma reserva com princípios de realidade (FREUD, 1906-1908/1996).

Portanto, de acordo com Freud, é possível perceber que na obtenção de prazer há satisfação imaginária de desejos eróticos, podendo esses desejos se tornarem mais intensos no imaginário do sujeito. Um devaneio pode ser inconsciente. Podemos citá-lo como fonte de sonhos e sintomas neuróticos. E para esses neuróticos, a forma de se proteger da realidade, é negá-la, até certo ponto. Isso nos remete a dificuldade de tolerar as frustrações. Para a adaptação à realidade é fundamental conseguir tolerar as frustrações das situações edípicas. E as fantasias que se manifestam, podem se repetir inconscientemente de forma constante.

A libido, mesmo que frustrada pelo mundo externo, pode encontrar seu ponto de satisfação retornando as posições que precisou parcialmente abandonar. Esses objetos abandonados foram mantidos como fantasias. A libido então se volta para o mundo fantástico, encontrando desse modo as fixações que foram reprimidas por causa da restrição externa. Essas fantasias assim, não entraram em conflito direto com o ego, mas quando a libido se volta para trás, para a origem das fantasias, se a catexia que as acompanha aumenta, elas se ligam a uma tentativa quase incontrolável de realização. Existindo desse modo um conflito entre elas e o ego, podendo então ser repreendidas e jogadas no inconsciente.

De acordo com Freud, (1915-1916/1996) ‘partindo daquilo que, agora, são fantasias inconscientes, a libido movimenta-se para trás, até as origens dessas fantasias no inconsciente. Portanto, é possível pensar a manifestação das fantasias como tentativa de realização de algo, que pode inclusive ter relação com a sexualidade do sujeito. Uma questão a ser pensada é se a libido que não for direcionada para a vida sexual pode ser facilmente capaz de se direcionar para outros fins saudáveis, como, por exemplo, a sublimação. A atividade mental tem o objetivo de obter prazer e evitar desprazer, em até certo ponto, tenta controlar a quantidade de excitação, que se acumulada. Então, a sublimação pode existir como um desvio da libido para algo que não seja de todo sexual, que seja grandioso para o sujeito e para o social, que não se prenda ao prazer obtido apenas com o sexo, mas que satisfaça a libido com obras de uma

ordem cultural, podendo ser artística, em forma de trabalhos ou de outras inspirações. Entretanto, perceber a sublimação como uma via da fantasia bem expressa, pode ser um pensamento a ser considerado.

Falando sobre os caminhos das fantasias, a arte pode ser de extrema importância. Freud afirma que se não houvesse uma criação abstrata da mente, a ansiedade seria inevitável. Se direcionado o pensamento para algo difícil de se representar, entraríamos na forte questão da sublimação. Um dos aspectos interessantes da fantasia, que leva o sujeito do mundo interno para o mundo externo, é a arte.

Se tratando de um artista neurótico, podemos pensar em um sujeito introvertido, um sujeito que oprimido por impulsos intensos, deseja realizar satisfações do mundo externo; se lhe faltam meios para a realização desses desejos, pode haver certo afastamento da realidade externa e uma transferência de sua libido para construções fantasiosas, permanecendo também de tal forma, dentro do campo da neurose. Não devemos esquecer, que a constituição do trabalho artístico conta também com a possibilidade do processo de sublimação.

É possível pensar que a fantasia existe em todos os sujeitos, sendo que os conteúdos fantasiosos, inclusive dentro de uma direção para a arte, pode trazer grande disposição, dando forma ao conteúdo do devaneio, possibilitando que outras pessoas tenham acesso, se tornando algo aberto, deixando a exclusividade, se tornando algo de ordem social. A fidelidade à fantasia é possibilitada através do mundo artístico. Trabalhos artísticos podem ser um modo de representar as fantasias inconscientes.

Se o artista é capaz de realizar tudo isso, possibilita a outras pessoas, novamente, obter consolo e alívio a partir de suas próprias fontes de prazer em seu inconsciente, que para elas se tornaram inacessíveis; granjeia a gratidão e a admiração delas, e, dessa forma, *através* de sua fantasia conseguiu o que originalmente alcançara apenas *em* sua fantasia – honras, poder e o amor das mulheres. (FREUD 1915-1916/1996, p. 378)

Na arte, o que aparece como imaginação, mesmo que fora da realidade, é importante para a vida artística sendo por isso também prazeroso para o artista e para quem aprecia. Originalmente, no caso do artista, pode haver a busca de se afastar da realidade, pois é difícil abdicar da satisfação que envolve desejos eróticos e que encontra lugar na fantasia. O modo de se voltar para a realidade sem grandes traumas psíquicos é se entregando ao mundo artístico por via da fantasia, que será engrandecida também por outras pessoas, sendo o artista um criador de preciosos aspectos do psíquico, mas sem prejudicar a realidade externa (FREUD, 1915-1916/1996).

Lembrando da essencial importância das fantasias para a formação dos sintomas, como a insatisfação de ter que substituir o princípio de prazer pelo princípio de realidade faz parte dos sujeitos, a apreciação do outro pode ter um importante significado dentro da arte. Como a possibilidade de despertar nos outros uma grande admiração.

Vale enfatizar e voltar a falar que a renúncia ao prazer é algo difícil. Quando pensamos renunciar, na realidade, estamos fazendo trocas de objetos por outros, de conteúdos por outros, entrando como se fosse uma substituição. Seria então, de intensa dificuldade, por exemplo, parar de realizar brincadeiras, sem que entrasse em cena as fantasias e seus devaneios.

As fantasias são construídas por grande parte das pessoas, que necessitam dessa construção em algum período de sua vida. Quando adultos, as fantasias costumam ser escondidas e mantidas quase como se fossem um segredo, ainda mais dependendo do conteúdo dos desejos que fazem parte, podendo haver vergonha por manifestarem algo infantil ou proibido. As fantasias se adaptam a realidade exterior experimentada pelo sujeito, inclusive as impressões que ele tem. Tempo e fantasias são relações muito importantes.

O trabalho mental vincula-se a uma impressão atual, a alguma ocasião motivadora no presente que foi capaz de despertar um dos desejos principais do sujeito. Dali, retrocede à lembrança de uma experiência anterior (geralmente da infância) na qual esse sujeito foi realizado, criando uma situação referente ao futuro que representa a realização do desejo. O que se

cria então é um devaneio ou fantasia, que encerra traços de sua origem a partir da ocasião que o provocou e a partir da lembrança. Dessa forma o passado, o presente e o futuro são entrelaçados pelo fio do desejo que os une. (FREUD 1906-1908/1996, p. 138)

De acordo com Freud (1907-1908/1996), se há silêncio sobre os conteúdos fantasiados, para que eles não causem repulsa ou até indiferença nos outros, o sujeito dito escritor criativo, consegue entrar em contato com suas emoções e devaneios, deixando de lado, até certo ponto, suas repressões, é possível que leve prazer aos outros com suas obras. Há disfarces dentro de suas técnicas, que dão suavidade aos devaneios egoístas. Com sua estética, pode demonstrar suas fantasias através do trabalho artístico da escrita, das telas, das esculturas e outras manifestações de arte.

Portanto, para Freud a fantasia não é uma atividade primária. Para o autor ela pode ter a mesma raiz dos sonhos, dos sintomas, dos atos falhos e da arte. Porém, para Klein a fantasia inconsciente se apresenta de forma primária, como expressão original de pulsão e defesas, interagindo com a percepção, modificando-a e sendo modificada por ela. As fantasias podem se tornar mais complexas com o amadurecimento e com experiências, sendo elaboradas de modos diversos. Klein formula que as fantasias inconscientes são subjacentes aos sonhos, aos sintomas, à percepção, ao pensamento e à criatividade.

Em contraste com a concepção de Freud de que a fantasia inconsciente ocasionalmente se introduz no sonhar, a concepção de fantasia que Segal (1993) apresenta é a de que sonhar é apenas uma das expressões da fantasia inconsciente. Porém, fantasia não deixa de ter relevância, mas sim desempenha um forte papel na vida psíquica.

2 A FANTASIA EM MELANIE KLEIN

Podemos supor que quando um conflito nos leva a abrir mão de um desejo e reprimi-lo, esse desejo pode expressar-se de forma simbólica; e o objeto do desejo do qual temos de abrir mão pode ser substituído por um símbolo. (SEGAL, 1993)

Segal afirma que Klein aponta que os instintos começam a agir no nascimento, podendo assim, desde esse momento começar o indivíduo a fantasiar. A fome é um exemplo privilegiado no sentido de que sua satisfação é posteriormente fantasiada pelo bebê, ao negar o dedo, derivando desse modo muitos objetos fantasiados, das experiências de acontecimentos físicos iniciais, portanto, sendo experimentada, incorporada e exercendo influência sobre o inconsciente, sendo função do ego a formação das fantasias.

O instinto acompanha uma ação que, direcionada a algum objeto, é expressa na vida mental pela fantasia, sendo esses movimentos fixados no inconsciente, pois estão envolvidos sentimentos como ódio, amor e voracidade, principalmente falando da falta de saciedade. As fantasias primárias, que representam os impulsos mais antigos, incluindo desejos e agressividade, nem sempre podem ser expressas e por vezes, é preciso um trabalho analítico para que o sujeito consiga deixar fluir tais inibições. De acordo com a leitura de Segal, todo impulso e desejo carrega inerentemente consigo uma fantasia de sua própria realização.

Como podemos perceber, as fantasias fazem uma ligação com os impulsos, com as sensações e com os afetos de forma subjetiva. Partindo dessas observações, Isaacs (1982) ao sistematizar a teoria de Klein sobre as fantasias tem a hipótese de as primeiras fantasias terem sido originadas com tais impulsos; as experiências corporais acumulando recordações sensoriais. Assim, a realidade exterior entra no mundo fantasioso, mas estando sua origem, em fonte interna. Um exemplo são fantasias de introjeção, como as de devorar, sendo aos

objetos amados ou odiados, fazendo esses devaneios parte do inconsciente e especificamente, representando os impulsos de caráter oral.

Os primórdios das fantasias são para Klein representantes psíquicos dos instintos libidinais e destrutivos. Já na criança, pode aparecer como uma forma de defesa contra as ansiedades, sendo um modo de manifestar seus conteúdos. Muitas dessas fantasias, assim como os sintomas, se apresentam por causa dos desejos. De forma particular, as manifestações podem se tratar de desejos reprimidos, mas também podem se tratar de medos, ansiedades, amor, ódio, rancor e outros sentimentos que estejam na mente do sujeito, isto é, em sua vida e realidade psíquica. (ISAACS, 1982)

As fantasias inconscientes podem se manifestar como sintomas, podendo ter origem consciente, ou como devaneios, que precisaram ser esquecidos e mantidos no inconsciente por causa da ‘repressão’ e também por isso, ter alterado seu conteúdo real. A riqueza, a esfera de ação e o senso de correção de nossa vida mental estão ligados à nossa relação com a fantasia inconsciente. Se as fantasias inconscientes estão reprimidas com excessivo rigor, nossa vida consciente fica empobrecida e restrita (SEGAL, 1993)

Sobre a natureza dos sintomas histéricos, como foi descrito anteriormente, as fantasias inconscientes buscam à realização de um desejo oculto. Dois impulsos opostos devem entrar em um tipo de conciliação, pois contém em um dos lados, algo sexual que tenta se expressar, mas que o outro lado tenta impedir tal expressão. Então mesmo que possam representar impulsos que parecem não ser de cunho sexual, na realidade psíquica há uma significação sexual por trás do que está sendo representado. Por isso há o recalque. É possível ainda que existam muitos sintomas com significado bissexual, mantendo seus fragmentos. Podemos pensar que as sensações e os afetos são de extrema importância e que se tornam fundamentais para o sustento das fantasias primitivas, se encontrando no inconsciente conteúdos primários das fantasias e os objetos de desejo.

...as fantasias primitivas estão associadas a sensações e afetos. Essas sensações, não interessa até que ponto estejam seletivamente realçadas sob a pressão do afeto, colocam a mente investigadora em contato com a realidade externa, assim como expressam impulsos e desejos. (ISAACS, 1982, p. 122).

Introjeção, identificação primária e alucinação de desejo, são conceitos definidos por Klein referentes a base das fantasias. Para persistirem, não necessitam das palavras ou de expressões. As experiências externas podem se tornar expressas e até mesmo elaboradas. Porém, mesmo que isso não ocorra, elas podem continuar existentes na vida psíquica. São experimentadas em sensações e podem se apresentar, em imagens e atos com expressões dramáticas.

Sintomas de conversão, sintomas neuróticos, inibições e sublimações, são efeitos psíquicos e corporais que fazem parte das fantasias inconscientes. Essas fantasias inconscientes exercem uma influência na vida dos sujeitos neuróticos. Isaacs (1982) enfatiza a importância em como são expressas as fantasias, como são dominantes, qual o desejo envolvido e como a ansiedade aparece por causa da ordem desses desejos. É relevante como acontece a relação dessas fantasias com o mundo externo, pois a entrada da realidade externa, dirá muito sobre a saúde mental, sobre o modo do qual esses conteúdos fantasiosos se manifestam.

Dentre os conceitos de Melanie Klein, estão as fantasias inconscientes, as posições esquizoparanóide e depressiva, contendo também em sua teoria, os mecanismos de defesa: projeção, introjeção e identificação projetiva. Internalizadas como imago, o mundo interno não necessariamente se trata de lembranças de experiências reais e antigas, mas são fantasias modificadas pelo processo de introjeção. A crença nos objetos internos se origina de experiências reais da infância, que foram ligadas a tensões emocionais, vivendo o sujeito, um mundo através das projeções e introjeções, geradas inclusive, por causa da ansiedade. Para Klein as fantasias como expressões mentais das pulsões, estão presentes nas relações de objetos como um mecanismo psíquico, que acompanha o desenvolvimento do indivíduo,

como base para a capacidade criativa, podendo se modificar, ao se deparar com a realidade, havendo assim, gratificação e frustração. Engolir, incorporar, retaliar e envenenar, são fantasias inconscientes. (ISAACS, 1982)

De acordo com Isaacs, o conceito de fantasia tem sua origem a partir de um processo secundário, também se tratando de uma satisfação incompleta de um desejo inconsciente que não pôde ser realizado. Dentro dos trabalhos de Melanie Klein, encontramos a ideia de uma fantasia presente na vida psíquica desde muito cedo, mesmo antes da frustração da realidade externa. Para Klein, as crianças fantasiam constantemente, inclusive utilizando a fantasia como mecanismo de defesa. Diferente de Freud, é possível entender que, para a autora, não é necessário haver processo secundário, para que exista fantasia. Ser normal ou ser alguém com algo patológico, não reside da presença ou ausência de fantasias inconscientes, mas sim em como elas são expressas, se modificam e se relacionam com a realidade externa. Melanie Klein conceitua fantasia como ‘o conteúdo primário dos processos mentais inconscientes’, o representante psíquico da pulsão. Para Freud, os desejos inconscientes são importantes, para a autora, as fantasias são tão importantes quanto. (ISAACS, 1982)

Portanto, as fantasias inconscientes, estão ativas em todos os sujeitos. O caráter psicológico do indivíduo pode ser pensado a partir da natureza de suas fantasias inconscientes e como elas se relacionam, como são expressas na realidade externa. Podem se expressar com as pulsões. A pulsão é o representante psíquico do somático, que não chega a se tornar objeto da consciência – a ideia que representa este instinto sim, se apresentando de uma forma. Sendo tais ideias são as fantasias primitivas e originais. Contudo, podemos perceber as fantasias como uma construção necessária e um meio de fugir da completa realidade externa. De acordo com Segal, (1975), é considerável a atenção a aspectos defensivos e dos quais as funções são diversas e complexas. As defesas falam não só do que vem do mundo externo, mas principalmente da realidade interna do indivíduo. Ao produzir fantasias em prol da

satisfação de desejo, o sujeito não evita apenas a frustração da realidade externa que o desagrada, mas principalmente tenta se defender de seus conteúdos internos inaceitáveis, sendo as fantasias também defesas contra outras, como as fantasias maníacas, que tenta repelir fantasias depressivas subjacentes.

A personalidade é estruturada pelas fantasias que o ego tem sobre si e sobre os objetos contidos, sendo tal estrutura relacionada com a fantasia inconsciente, pois analisando as relações do ego com objetos, internos e externos, analisando e até alterando as fantasias relacionadas, é possível afetar de certa forma a estrutura do ego. (SEGAL, 1975)

As contribuições de Klein apresentaram uma visão particular do mundo interno, do mundo da fantasia e sua relação com o mundo externo. Para ela, o recalque dos conflitos sexuais da criança era causado mais pelo seu senso de culpa e ansiedade do que pelas ameaças paternas. Seu conceito de posição é uma forma de lidar com ansiedades persecutórias e depressivas. A autora descreve a constelação de atitudes, agindo para lidar com as tensões dos mecanismos esquizoparanoides e depressivos. Enfatiza as fantasias, ansiedades e defesas.

Quando consideramos a relação entre fantasia e os mecanismos de introjeção, definidos por Melanie Klein, podemos pensar sobre a complexa relação entre fantasia inconsciente, mecanismos e estrutura da mente. Susan Isaacs discute sobre a derivação de fantasias a partir do id e da relação com os mecanismos da mente. Hanna Segal, sugere “que o uso feito por Klein do conceito de fantasia inconsciente implica um grau de organização do ego mais elevado do que o suposto por Freud”. (SEGAL 1975 p. 36.) De acordo com a autora, a estrutura da personalidade é influenciada pelas fantasias que o ego tem sobre si e sobre os objetos contidos. Em sua análise, Segal tenta estabelecer vínculos entre as fantasias e a estrutura da personalidade e entre fantasias e funções mentais, como o pensar.

A importância das fantasias para a personalidade acontece de forma associada ao pensamento, pertencendo a fantasia ao funcionamento no princípio de prazer/frustração, assim

um tipo de pensamento precisa ser mandado para o inconsciente, mas mantendo o conteúdo ligado ao princípio de prazer, sendo o pensamento desenvolvido pelo princípio de realidade, mesmo que seja no princípio uma maneira de sustentar a tensão e adiar a satisfação. Enquanto a descarga de tensão é adiada, o pensar se dota de características que tornam possível o aparelho mental tolerar essa tensão intensa de estímulos que necessitam ser descarregados. “A riqueza, a profundidade e a acuidade do pensar de uma pessoa dependerão da qualidade e da maleabilidade da vida de sua fantasia inconsciente e de sua capacidade para submetê-la ao teste da realidade”. (SEGAL, 1975, p. 34).

É interessante questionar se os sentimentos antecedem as palavras. Pois de tal modo, é possível pensarmos de forma positiva, que as fantasias estão presentes antes do desenvolvimento da linguagem. Se a fantasia está presente desde o nascimento, podemos pensar que sua expressão é extremamente complexa. A visão de Isaacs é de que através das palavras encontramos um meio de explicar à fantasia, mas a experiência não será igual nem mesmo parecida ao conteúdo original. Mesmo que as palavras evoquem situações, expressem sentimentos, descrevam imagens, não são o conteúdo principal da experiência. As palavras não conseguem facilmente dominar os sentimentos e as fantasias inconscientes. No entanto, a aquisição de capacidade simbólica favorece o desenvolvimento da capacidade de fantasiar, possibilitando que as fantasias mudem sua qualidade.

Se na posição esquizo-paranoide, a principal ansiedade é a de que o ego será destruído pelos objetos, inclusive os maus, na posição depressiva, as ansiedades surgem da ambivalência, existindo para a criança, a possibilidade de que seus impulsos destrutivos destruam o objeto que ele ama e depende. “A posição depressiva tem início na fase oral do desenvolvimento, quando o amor e a necessidade levam a devorar”. (SEGAL, 1975, p. 82.) Antes disso, o bebê está na posição esquizoparanóide. Na posição depressiva, os processos introjetados são intensificados, e sendo esses mecanismos onipotentes, originam a ansiedade

de que impulsos destruam não só o objeto externo bom, mas também o bom que foi introjetado. De acordo com Klein, esse objeto interno bom, contribui para a formação do núcleo do ego e do mundo interno. Na posição depressiva, a fantasia do objeto como possuído por identificação projetiva é abandonada e substituída por uma representação do objeto na memória e um desejo que é contido, embora possa estar reprimido. (SEGAL, 1993)

É na posição depressiva que a criança desenvolve a capacidade de classificar suas experiências como boas ou más. A realidade aparece mais significativa. Objetos ideias podem se aproximar da posição depressiva, a auto reprovação, pode trazer o superego como algo severo, porém, este não é apenas fonte de culpa, mas de objeto de amor, inclusive auxiliando na luta interna contra os impulsos destrutivos. Os desejos arcaicos, no entanto, nunca são completamente abandonados. Quando são reprimidos, encontram sua satisfação por meio de expressões simbólicas. Uma das primeiras descobertas de Freud foi a de que desejos reprimidos se expressam simbolicamente. E o simbolismo passa por uma mudança significativa na posição depressiva. (SEGAL, 1993)

A base da criatividade e da sublimação está associada ao sofrimento do trabalho de luto experimentado na posição depressiva e aos impulsos reparadores desenvolvidos para restaurar objetos amados, internos e externos. De acordo com Segal (1975) a sublimação é o produto de uma renúncia bem-sucedida ao instinto, que só pode ocorrer por causa do processo de luto, possibilitando a formação simbólica.

Portanto, se a posição depressiva não for bem elaborada, não se fixando a criatividade do ego e também do amor recuperando objetos bons e maus, o desenvolvimento do indivíduo pode ser prejudicado. A ansiedade pode se tornar intensa, o ego se desenvolve enfraquecido, havendo ameaça e uma possibilidade de regressão à psicose. Como nos aponta Melanie Klein, de forma completa, a posição depressiva nunca será totalmente elaborada. Ansiedades relacionadas a ambivalência sempre ocorrerão, como as sensações de perdas. Os objetos bons

primários simbolizam os objetos bons externos, gerando uma possível ansiedade por receio da perda, mas se quando ainda bebê, houve capacidade de estabelecer um objeto bom interno e seguro na posição depressiva, tais situações de ansiedade não levarão a uma doença maior, mas sim a possibilidade de elaborar de forma criativa. (SEGAL,1975)

É importante o destaque sobre os objetos maus e objetos bons, portanto observemos o seguinte exemplo:

O bebê que começa a sentir fome e que vence essa fome por uma alucinação onipotente de ter um seio bom que alimenta: sua situação será radicalmente diferente, se for alimentado logo, da que ocorrerá se for deixado com fome por muito tempo. Na primeira situação, o seio real que é oferecido pela mãe será, na experiência do bebê, fundido com o seio que foi fantasiado, e o sentimento do bebê será de que sua própria bondade e a do objeto bom são fortes e duráveis. No segundo caso, o bebê será dominado pela fome e pela raiva, e em sua fantasia e experiência de um objeto mau e perseguidor se tornará mais forte, com a implicação de que sua própria raiva é mais poderosa do que o seu amor, e a de que o objeto mau é mais forte do que o bom. (SEGAL, 1975, p. 26)

A partir de agora, pretende-se articular conceitos de fantasia com dois filmes muito diferentes, para dar enfoque em nossa hipótese sobre o fantasiar e o desenvolvimento psíquico saudável. Para a proposta de análise dos filmes, é necessária a atenção ao que Klein definiu como sendo a posição depressiva. Trata-se da fase de desenvolvimento da qual o bebê reconhece um objeto total e consegue se relacionar com esse objeto. Sendo esse um momento de muita importância para o desenvolvimento do bebê, inclusive por reconhecer posteriormente que, experiências boas ou más não dependem exclusivamente de ter percebido um seio bom ou mau, mas que a mesma mãe é fonte do que é bom e do que é mau. Com essa percepção, reconhece a mãe como objeto total, fazendo assim uma mudança em seu ego, sendo cada vez menos dividido em seus componentes bons e maus, acontecendo a integração do ego e do objeto simultaneamente.

3 DISCUTINDO O CONCEITO DE FANTASIA A PARTIR DA ANÁLISE KLEINIANA DOS FILMES *PERFUME E AMÉLIE POULAIN*

Tendo a fantasia como o representante psíquico da pulsão, observa-se a importância de um ambiente propício ao desenvolvimento dessa capacidade psíquica. Como forma mais primitiva do funcionamento psíquico, as fantasias servem de suporte a capacidade de pensar, podendo permanecer em estado rígido, portanto, levando a graves comprometimentos psíquicos, mas se consegue se desenvolver a partir da capacidade simbólica, torna-se uma grande promotora da saúde psíquica. Tema que defendemos ao longo deste trabalho.

Para nos auxiliar nessa hipótese, tomamos dois filmes que são bastante elucidativos desse potencial da capacidade de fantasiar.

O primeiro é *Perfume: a história de um assassino*, cujo desfecho é trágico, e o segundo *O Fabuloso Destino de Amélie Poulain*, que remete a um destino mais saudável de possibilidades.

O filme *Perfume: a história de um assassino* é uma adaptação do livro homônimo, do escritor alemão Patrick Suskind.

O filme inicia-se de forma impactante: a mãe de Jean Baptiste, personagem central, encontra-se em sofrimento do parto e sem nenhum apoio, dá a luz num lugar sujo e ali abandona seu filho, pois tem ela mesma que procurar por sua sobrevivência. Um dos conceitos básicos em psicanálise é a ideia de que as primeiras experiências do bebê com a alimentação e a presença da mãe são essenciais para sua constituição psíquica. Ora, desde a primeira cena, temos elementos para pensar sobre os futuros arranjos de sobrevivência de nosso personagem. Sem a pretensão de análise psicopatológica ou de fechar diagnósticos, temos nesse filme a possibilidade de descrever (e sonhar) sobre como – em hipótese – se formam as fantasias em Jean Baptiste e como se desdobram. Como uma obra fechada, sabemos que o destino tomado por nosso sujeito de análise foi resultado de um ego

enfraquecido e enrijecido por uma busca incessante por um objeto bom que o tivesse colocado no mundo em um estado diferente.

O enredo é sobre esse homem que foi abandonado pela mãe assim que nasceu, embaixo de uma barraca de peixes. Ao longo de sua vida foi maltratado e excluído, como se fosse um lixo. Privado de uma vida afetuosa e com recursos saudáveis, fechou-se em seu mundo interior, não desenvolvendo bem a comunicação com as pessoas. O que havia nele de extraordinário, era seu sensível olfato, que lhe permitia distinguir os vários cheiros da natureza, como seu recurso de sobrevivência. Cabe ressaltar que o olfato é um dos mais primitivos sentidos, e como seu potencial mais desenvolvido parece remeter à angústia do objeto para sempre perdido, que em fantasia, supomos, ele vai buscar ao longo de sua vida.

Na vida adulta, começou uma obsessão por criação de perfumes. Ele desejava criar um perfume original. Esse perfume lhe preencheria o buraco do seio faltante? Em uma noite, se aproximou de uma mulher em uma rua escura e sentiu seu cheiro, ela assustada, se virou e gritou. Como ele não se comunicava bem e não teve um convívio saudável com as pessoas, sua reação foi a de fazer calar a mulher, que acabando sufocada, faleceu em seus braços. Ela, mesmo depois de morta, mantinha seu perfume. Isso o impressionou. Ele percebeu que o cheiro vinha da epiderme, então decide extrair a essência das mulheres, realizando assim muitos assassinatos.

Klein (1946) com sua teoria sobre a posição esquizoparanoide nos revela como esse estado é possível para o sujeito siderado em um objeto que o manterá vivo, não discernindo entre ele e o outro, entre ele e o mundo, e seus sentimentos ficam pautados por essa necessidade imperiosa do objeto, que nesse momento mais arcaico é um objeto parcial: então a mulher é nada, o cheiro é tudo.

Com o poder da essência nas mãos, Jean Baptiste criou um perfume que acabou por contagiar as pessoas, e as fazia acreditarem que estavam no paraíso. ‘A alma dos seres é o

odor', o cheiro exaltava os seres até seu lado mais sentimental, a pele exalando amor, plena satisfação. No momento final de todo seu envolvimento, guardando para si a essência que o cheiro da pele das mulheres exalava, não era suficiente ter produzido o perfume. Ele ansiava o êxtase do aroma, hipnotizante, que o levava a ser reconhecido. A busca pelo objeto é insaciável. Como nos ensina Freud, o objeto nunca é encontrado, mas sempre reencontrado. Jean Baptiste percebeu o amor que o perfume exalava, mas percebeu também que não tivera recebido e conhecido esse amor. É possível supor que a fantasia era a de ostentação do amor pelo perfume. Com o sofrimento, aparece a necessidade de trazer para dentro de si essa coisa representada pelo aroma, a ponto de despejar o perfume em si mesmo, para se tornar ele a maravilhosa e magnífica existência criada pela fragrância. Sendo devorado pelas pessoas, assim também destruía a dor real de insignificância em toda sua existência. Pois ele era vazio, ele era um buraco, ele não foi desejado.

Através da teoria de Melanie Klein, podemos perceber que a identificação do sujeito com o seio, constitui a chave da fantasia oral canibalesca. Jean Baptiste não teve seio. O filme mostra a fantasia canibalesca de identificação quando ao final ele mesmo é devorado pelas pessoas. Em fantasia necessita encontrar "aquele" aroma que o completaria.

Com seu rebaixamento, sendo masoquista, é possível perceber que o personagem encontra satisfação na dor. Mesmo que precise ser interiorizado, como na fantasia criada por Jean Baptiste, que vivencia a falta da percepção do amor, criando uma mente psicótica e executando atos bizarros. Se estivéssemos falando em perversão, poderíamos pensar que não há culpa pelos assassinatos que ele realizou. Poderíamos pensar o caso do personagem como uma desordem extrema. A fantasia de criar o perfume perfeito se tornou algo doentio. Para além de um enquadre diagnóstico, o que temos é um sujeito fixado numa fantasia única de encontro com um objeto parcial que impossibilitou seu desenvolvimento em busca de outros destinos.

Nesse caso não houve nenhuma condição de amor e aconchego materno. Em seu nascimento, seu instinto ligado ao seu olfato parece ter sido seu maior guia. Na direção daquilo que lhe remeteria aos primeiros cuidados, o odor daquele lugar é sua memória de sobrevivência. Ficando ele desde seu início de vida, com experiências reais de privação do seio materno. Como podemos analisar:

O ego imaturo do bebê é exposto, desde o nascimento, à ansiedade provocada pela polaridade inata dos instintos – o conflito imediato entre o instinto de vida e o instinto de morte -, assim como é imediatamente exposto ao impacto da realidade externa, quanto lhe dá a vida, como o calor, o amor e a alimentação recebidos de sua mãe. (SEGAL, 1975, p. 37).

O filme acima foi exposto nesse trabalho com o objetivo de entender como uma alucinação pode manter-se fixa ao longo da vida, promovendo um absoluto empobrecimento do ego. Uma fantasia que acabou determinando as ações do personagem de forma desastrosa e destrutiva. A identificação é o que possibilita o processo de simbolização. Jean Baptiste fica no narcisismo descrito por Freud, no autoerotismo, completamente mergulhado em si e se perdendo nesse interior, resgatando-se concretamente quando é literalmente devorado e incorporado pelos outros.

Em contraste com a situação anterior, será apresentada a fantasia dentro do campo da neurose, quando o simbólico atua na vida psíquica. Em uma visão particular será descrita a personagem francesa Amélie Poulain.

O filme francês, O fabuloso destino de Amélie Poulain, dirigido por Jean- Pierre Jeunet, conta a história de uma menina que cresceu isolada de outras crianças. Amélie mora com sua mãe, que é instável e nervosa. E com seu pai, que é distante e irritado. A menina fica sempre distante do pai, que só se aproxima dela quando realiza exames mensais sobre seu coração. Ela se emociona com a aproximação, pois ele nunca a abraça, então seu coração dispara com o contato. Seu pai entende que Amélie sofre de uma anomalia no coração, o que faz dela uma criança solitária, que não pode nem mesmo ir à escola. Assim, sua mãe se torna sua única preceptora. Privada do contato com outras crianças e do afeto dos pais, entre a

agitação da mãe e a distância do pai, se refugia no mundo fantasioso que parece salvá-la da solidão completa.

Seu único ‘amigo’ é um peixe, que por ‘ironia’ se jogava para fora do vaso de água. Isso causava estresse intenso na mãe de Amelie. Então, seu único amigo vai embora de seu lar decidindo os pais jogarem-no ao lago nas “tentativas suicidas do peixe”, Amelie gritava como se quisesse encontrar mais vida, como se gritasse sua pulsão de vida.

Em um dia trágico, a mãe de Amelie vem a falecer. Ao sair da igreja, onde Amelie foi pedir um irmãozinho, uma turista decide se matar se jogando do alto e cai em cima da mãe da menina. Então, vivendo só com o pai, ela fica ainda mais isolada. Ele, que já era pouco afetivo, se fecha ainda mais com a morte da esposa.

Na vida adulta, ela sai de casa e se torna garçõete no bairro parisiense de Montmartre. Sua vida se resume ao seu trabalho e a colegas que lá estão. Não tem relacionamentos estáveis e duradouros. Para compensar a solidão, Amélie cultivava um gosto especial pelos pequenos prazeres. Como colocar a mão dentro do saco grande de cereais, quebrar a cobertura de crême brûlée com a colher e jogar pedras no rio. Como se Amelie, se mantivesse na posição esquizoparanoide, mantendo-se afastada do mundo total da posição depressiva.

Em sua vizinhança tem alguém que começa a fazer parte de sua vida, o “homem de vidro”, seus ossos são como cristal. Por causa da doença há 20 anos, ele evita sair de casa.

E Amelie continua se refugiando na solidão. Uma noite, sozinha em casa, encontra atrás de um azulejo no chão do banheiro, algo que a faz sentir grande emoção. Uma caixa com recordações de alguém que havia morado lá há cerca de 40 anos. Durante a madrugada, uma ideia iluminou sua mente. Então ela decidiu encontrar o dono da caixa para devolver seu tesouro de brinquedos e figurinhas. Se der certo, se empenhará em ajudar a vida dos outros, se não, azar.

Seu vizinho, o homem de vidro, faz um quadro por ano, há 20 anos. Ele diz que o mais difícil são os olhares. Há uma personagem em especial que ele não consegue captar seu olhar. A moça com o copo de água. “Ela está no centro e no entanto, está fora”. Amelie comenta que talvez a moça do quadro seja diferente dos outros. Acrescenta então, que quando era pequena, a moça não devia brincar com outras crianças. Silêncio. O silêncio que remete a fantasia sobre alguém que como ela não se conecta aos outros.

Após sua busca pelo dono da caixa, ela conseguiu encontrar o dono da caixa e se sentiu em harmonia consigo mesma. Um desejo de ajudar a humanidade a toma de repente. A humanidade precisa de alguém que lhe estenda a mão, como em sua fantasia.

Depois, sozinha novamente em sua casa, se lembra do comentário de seu vizinho pintor, que disse sobre a menina do quadro não conseguir se relacionar com os outros. Então, em seu mundo, fantasia que está saindo no noticiário, como a madrinha dos enjeitados ou madona dos infelizes, sucumbindo ao cansaço extremo, imagina Paris arrasada pela tristeza pelo luto por a perderem se expressando em silêncio, a dor imensa de se sentirem órfãos em sua imaginação, ela se vê privada de si mesma.

“Tão sensível ao charme discreto das coisas simples da vida” (Amelie), se imagina na luta pelas aflições humanas, que a consumiu prematuramente. Com 28 anos deixa sua vida pelo sofrimento universal. Imagina deixar seu pai falecer, asfixiado sem o sopro de ar que havia soprado em tantos outros. O pai que a deixara sem afeto, não deveria morrer isolado e sem emoções. Ela desejava ajudá-lo. Ela é introvertida e seu quarto é infantil. Não consegue ‘saltar’ sem hesitar, mas agora se empenha a ajudar as pessoas a sua volta, ganhando um novo sentido para sua existência.

Se apaixona platonicamente por um rapaz que encontra no metrô, mas eles no começo não se falam. As conversas com o homem de vidro se voltam para a moça do quadro. Amelie diz que se ela está com o olhar distante, é porque está pensando em alguém que sentiu ser

parecido com ela. Seu vizinho, entra como se estivesse em um papel de analista, através da arte a relação entre eles parece girar em torno de algo muito semelhante a um processo analítico. Ele diz então, que ela parece preferir imaginar uma relação com alguém ausente. Ela tenta arrumar a bagunça da vida dos outros, mas quem vai arrumar a bagunça da vida dela? Com isso, ela se compara ao pai, afirmando que é melhor cuidar dos outros do que de um anão de jardim. O pai que jamais deu atenção a ela, agora cuida de um anão de jardim.

Devido ao seu isolamento de outras crianças, Amelie Poulain criava em suas fantasias uma relação com amigos imaginários. Podemos até pensar que ela criou esse mundo por não conseguir uma maior aproximação de sua mãe. A relação entre fantasia inconsciente e realidade externa verdadeira, faz ligação com o ambiente no qual a criança se desenvolve, quando o ambiente é mau, é possível que as fantasias e ansiedades agressivas e persecutórias ocorram, porém, “a importância do fator ambiental só pode ser corretamente avaliada em relação ao que significa nos termos dos próprios instintos e fantasias da criança”. (SEGAL, 1975, p. 26). Porém, de acordo com Klein, as boas experiências e a crença em algum objeto bom, podem diminuir o sentimento de raiva e até modificar as experiências persecutórias, mobilizando amor e gratidão na criança. Embora a mãe de Amelie fosse distante da filha de forma afetuosa, ela demonstrava interesse no aprendizado da filha, com isso se tornou sua professora particular, sendo que nesses momentos havia certa aproximação de mãe e filha.

Como dito anteriormente, Amelie não fez amizades enquanto criança. Seu amigo na infância era um peixinho, que pulava para fora da água, deixando todos agitados. A mãe de Amélie não suportando o estresse, o levou embora da companhia de sua filha. Ao perder seu peixe, sua mãe lhe dá uma máquina fotográfica para compensar a perda. Essa troca pode demonstrar mais uma vez a atenção da mãe de Amélie em relação aos sentimentos da filha. A máquina fotográfica pôde entrar com um símbolo de substituição. Perdi o peixe mas houve o cuidado de oferecer a criança outra distração.

Ao fotografar tudo, ela poderia fantasiar e interiorizar objetos no seu objeto interno perdido por ausências. A vingança do vizinho, que lhe convence de que sua máquina causa acidentes, precede de uma fantasia entre objetos maus e bons de sua mente, sendo ela a causadora de tantos acidentes (Fantasia). Amelie estava em uma posição entre perdas e mecanismos de defesa, para lidar com suas faltas? Como um modo de recuar, ela possui defesas maníacas que a afastam da posição depressiva. Porém, ela substitui o objeto pelo pensamento, encontrando meios de manifestar de forma saudável suas fantasias.

De acordo com a teoria Kleiniana, sua mente bagunçada se mantém ansiosa, pois seu desenvolvimento foi prejudicado. Havendo uma maior dependência dos objetos, ela não se direcionou bem para a posição depressiva. Seus objetos poderiam ser sempre sentidos como danificados ou mortos. Então é possível o questionamento de a fantasia entrar com ênfase em seu imaginário como uma saída saudável para sua vida.

Como a relação dos pais de Amélie era distante com ela e entre eles, é possível perceber que ela se sentia abandonada e isso aumentava sua ansiedade. O pai seria a entrada do terceiro, mas também a ligava a uma perda de objetos de amor, pois era ausente. Ambos os pais são amados e odiados, porque não faziam presença e quando eram presentes eram excessivos. Amelie não se entregava aos impulsos edipianos, pois parecia mais seguro permanecer em suas fantasias infantis, que entravam como defesas maníacas, como uma forma de enfrentar sentimentos de perdas.

Em relação a tríade, houve falta, porque ela não fez na infância outras relações objetais além dos pais. Ainda perdendo a mãe quando era criança. Em relação aos objetos bons, direcionava sua libido, projetando nas pessoas, quando tentava fazer a vida delas ter mais sentido. Há uma identificação com a personagem pintada no quadro. Onde ela se vê diferente dos outros, mas querendo organizar de forma positiva a vida das pessoas. Quando ela se identifica com a moça desenhada no quadro, é possível perceber que Amelie consegue usar da

simbolização e dar sentido para sua existência. Como quando na infância usa a criatividade para fotografar muitas situações e coisas, que inclusive criam vida em sua imaginação.

Se tornando uma mulher sensível, Amelie não suporta os maus tratos que o empregado da banca de verduras sofre de seu patrão. Homem que teve seus mimos até a vida adulta. Ela acaba se vingando do patrão, por ele tratar mal seu empregado. Ela se vinga entrando nas fantasias de perseguição e fazendo com que ele experimente desconfortos, para ela, ele não tem coração. E em meio a muitas outras pessoas, diz ao dono da banca: “E você, que nem legume é, pois até as alcachofras tem coração”. (Amelie)

Falando agora em sentimentos negativos, sendo a inveja uma manifestação de impulsos destrutivos, ela leva a atacar e destruir objetos bons e produz fantasias persecutórias. Amélie sente inveja e rivalidade por uma colega de trabalho, que sai com Nino, o rapaz por quem estava apaixonada. Porém, a intenção de sua colega era apenas a de ajudar Amélie, vendo se o rapaz teria boas intenções com ela. Como estava inundada em sua segurança de fantasias e em estar solitária, se voltar para a realização de desejo com Nino seria se posicionar para uma realidade e um terceiro, um outro mundo. A sua relação com a mãe não se intensificou, não progrediu, dificultando que ela conseguisse desenvolver uma relação com um homem. Mas o convívio com seu vizinho pintor serviu a ela como uma forma de olhar para si mesma e perceber o quanto estava fechada em si. Entrando em um diálogo profundo, o pintor conseguiu fazer daqueles encontros uma análise dele e de Amelie. A ideia de procurar o dono da caixa escondida no banheiro também foi uma maneira de ela ter mais acesso aos outros e a sua própria existência no mundo. Pois conseguiu sair um pouco apenas de si para entrar na vida dos outros. Começando a se preocupar com o bem-estar de muitos que estavam a sua volta, inclusive seu pai. Depois de tantos envolvimento, ela em sua maneira misteriosa e diferente, tenta se aproximar de Nino, o rapaz por quem se apaixona ao longo da história. Com certo humor e melancolia, eles conseguem se encontrar e perceber que combinam um

com o outro, desejando uma ao outro por toda a vida. Em meio a uma história de vida prejudicada pela presença da ausência dos pais, por seu mundo interior restrito, pelas suas fantasias, mas com a descoberta de contribuir para a felicidade dos outros, em um fabuloso destino, Amélie encontra uma significativa e bela forma de se colocar no mundo.

CONCLUSÃO

Freud em seus trabalhos se entregou a curiosidade sobre o funcionamento do aparelho psíquico, enfatizando suas análises em cima do que denominou inconsciente. Sendo que aspectos relacionados as emoções, desejos e ações dos sujeitos estariam voltados para como se desenvolve o dinamismo psíquico, tendo as fantasias importantes funções para manifestação do mundo interno dos indivíduos.

Os sujeitos estão voltados para seu funcionamento primário de prazer, sendo a pulsão insistente em sua expressão. Começando na infância e dando continuidade ao longo da vida, com as abdições que precisamos realizar, somos levados a jogar para o inconsciente, através do mecanismo do recalque, tudo o que for desagradável ao social e a própria consciência. Portanto, se há algum prazer primário que não possa ser reproduzido ou se há algum conteúdo que não consiga se repetir no prazer como foi inicialmente, o sujeito seguirá insatisfeito, como se a falta de algo que muitas vezes nem nos damos conta do que seja, permanecerá, como uma presença de ausência. E assim precisaremos encontrar outros meios de satisfação.

Se tratando de uma tentativa da obtenção de prazer através de movimentos repetitivos, podemos pensar que as fantasias estão ativas para se manifestarem como fenômeno para que haja satisfação imaginária na vida psíquica, sendo que os sujeitos neuróticos podem executar e expor seu mundo interno fantasioso de forma saudável, isso se em sua história de vida houve passagem pelo simbólico, se pôde realizar em suas relações o processo de simbolizar. Nos filmes é possível perceber a distinção entre as estruturas e a falta desse processo.

Em Amelie percebemos uma construção imaginária simbólica e criativa, caminhando ela para uma neurose, para ser sujeito de desejos e compreensões de suas faltas. Há nela senso de humor, afeto e podemos perceber a pulsão de vida que movimenta suas ações, mesmo que a posição depressiva descrita por Klein não tenha sido muito bem elaborada em sua infância.

Enquanto em Jean Baptiste, não há mais que um buraco abstrato e sem direção específica. O que lhe interessa é um cheiro que lhe traz vida mas retira a de outras pessoas. Ele não se estruturou, suas fantasias são destrutivas e inconscientes vivas, concretas em sua forma de expressão cruel. Inconscientes são as fantasias, mas podemos supor, que em um sujeito neurótico, elas possam se tornar nítidas e contribuir no processo de criação.

Nesse trabalho a fantasia não foi explorada de forma primordial, sua origem e entendimento merecem estudos mais profundos nas teorias de Sigmund Freud e Melanie Klein, sendo que Jacques Lacan, autor não exposto no trabalho, também contribui de forma extremamente significativa para tal conceito. Porém, esse estudo permitiu compreender que o processo de simbolização faz parte de como as fantasias podem ser importantes. E a forma em como elas serão expressas ao social dirá muito sobre o funcionamento do sujeito. A arte é importante nesse processo, sendo uma forma de expressão que possibilita o fenômeno da fantasia se expandir sempre. E a medida que o sujeito começa a se tornar consciente de seus movimentos, consegue inclusive perceber a importância vital que o fantasiar possui.

REFERÊNCIAS

- FREUD S. (1923-1925) A perda da realidade na neurose e na psicose. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996
- FREUD S. (1906-1908) Escritores criativos e devaneios. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996
- FREUD S. (1911-1913) Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996
- FREUD S. (1901-1905) O quadro clínico. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD S. (1915-1916). Conferências Introdutórias XXIII. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1996
- HOPKINS, J.; SAVILE, A.; **Psicanálise, mente e arte**. Campinas: Papyrus Editora, 1995.
- KLEIN, M.; HEIMANN, P.; ISAACS, S.; RIVIERE, J.; **Os progressos da psicanálise**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.
- NASIO, J.-D. **A fantasia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007
- SEGAL, H. **Introdução a obra de Melanie Klein**. Rio de Janeiro: Imago, 1975
- SEGAL, H. **Sonho, Fantasia e Arte**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- FABULOSO destino de Amelie Poulain. Direção: Jean – Pierre Jeunet. Produção: Lumière, França. 2001. 1 DVD 2h0min.
- PERFUME a história de um assassino. Direção: Tom Tykwer. Produção: Bernerd Eichinger, 2006. França, Espanha, Alemanha. 1 DVD 2h27min.